

## CARTOGRAFIAS AFETIVAS

Juliana C. Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** *Cartografias Afetivas* busca, a partir de uma proposição aberta, criar cartografias diversas. A proposta tem o intuito de potencializar afetos e provocar encontros que acontecem por oficinas ou convites, em redes que provocam a criação dessas cartografias. Neste sentido, cabe observar os modos de atravessamentos por onde essas cartografias operam por intensidade nas diversas teias que tecem e destecem com a vida.

As cartografias aqui apresentadas por imagens e textos são recorte do projeto; as imagens produzidas por seus proponentes evidenciam seus autores, já os textos oculta-os, deixando rastros, brechas, frestas, fissuras, propondo provocar em cada cartografia contágios e trazendo à tona aquilo que nos faz ser o que provisoriamente somos.

O que conecta uma cartografia à outra é a *experiência da afetividade* em jogo. O afeto como aquilo que nos move e que faz do encontro algo produtivo proporcionando a expansão de todos os corpos dentro dessa relação.

**Palavras-chave:** Afetos; contágios; rastros;

Cartografias Afetivas é um projeto realizado por colaborações, este propõe que seus participantes “mapeiem suas afetividades” e as transformem em experiências artísticas materializando-as através de seus processos criativos nas linguagens (imagens, escritos, sons, objetos, etc.) de suas escolhas. As cartografias têm como ponto de partida, para suas construções, territórios afetivos que nos são importantes e nos afetam, e que desejamos, naquele momento de construção, cartografar e compartilhar. É uma proposta aberta para qualquer pessoa que se sentir provocada a participar. Nas cartografias compartilhadas aparecem singularidades, vivências, lembranças, pessoas, lugares, espaços/histórias individuais e coletivas.

O projeto iniciou-se em 2010, mediante uma convocatória lançada no meio virtual e enviada por *e-mail* para a caixa de contatos pessoais da proponente e postada no *site Obrer Cultural*<sup>2</sup>, pessoas foram convidadas a participarem do projeto intitulado *Cartografias Afetivas*. O convite destinou-se a qualquer um que tivesse o desejo de participar. Esse convite proliferou-se, pois, pessoas que o receberam espalharam-no para outras através da Rede. A partir dos movimentos, criou-se uma rede heterogênea de participações, algo objetivado pelo projeto, pois não se pretendia delimitar de antemão um público.

Nesse primeiro movimento, foram recebidas, por correio eletrônico ou convencional, vinte cartografias.

Em um segundo movimento, iniciou-se o desenvolvimento de oficinas entre os anos de 2011 a 2014. O propósito maior destas oficinas era provocar a construção de cartografias afetivas pelos participantes, durante estes 4 anos de oficinas, houve a participação de aproximadamente 220 pessoas, sendo desenvolvidas em diferentes espaços como universidades (Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Universidade da Região de Joinville/SC), museus (Museu Victor Meirelles em Florianópolis e Museu de Arte de Blumenau) e escolas (Colégio de Aplicação-UFSC e Escola Básica Aricomedes da Silva).

---

<sup>1</sup> Bacharel em Artes Plásticas (2006); Licenciada em Artes Visuais (2009); Mestre em Artes Visuais (2011), pelo Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, linha Educação Comunicação, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012-2015). Bolsista Capes. E-mail: [ju\\_ceart@yahoo.com.br](mailto:ju_ceart@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> <<http://obrer.wordpress.com>>.

Os modos de endereçamento e de participação que envolvem esse projeto foram múltiplos. Assim, entre complexas interações e relações, a pesquisa busca uma abordagem que permita ampliar, sem análises e interpretações das cartografias, as fissuras deixadas entre os rastros das camadas afetivas que as mesmas carregam.

Há no projeto uma constelação de referências, mas cabe neste momento pensar nos dois principais: *Cartografia* e *Afeto* são conceitos abordados e desdobrados pelo filósofo francês Gilles Deleuze, e é a junção, desdobramentos e re-criações destes conceitos que incorporam a pesquisa das Cartografias Afetivas.

A noção de afeto parte dos conceitos de Espinosa, que reconfigurados por Deleuze (1997), vê no afeto um tipo de afecção, sendo algo que nos atravessa.

Conhecemos nossas afecções pelas idéias que temos, sensações ou percepções, sensações de calor, de cor, percepção de forma e de distância. [...] A afecção, pois, não só é o efeito instantâneo de um corpo sobre o meu, mas tem também um efeito sobre minha própria duração, prazer ou dor, alegria ou tristeza. São passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro: serão chamados afectos [...]. (DELEUZE, 1997, p. 156-157).

O conceito de cartografia ao qual o projeto também se apoia é pensada por Gilles Deleuze e Félix Guattari na introdução no livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995). O método cartográfico não recorre a representações de objetos, mas propõe acompanhamento de processos, criando movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, criando desvios, redes, derivas, rizomas.

A concepção cartográfica, que é base para *Cartografias Afetivas*, refere-se também ao conceito de *rizoma*<sup>3</sup> em Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). As múltiplas conexões e agenciamentos que o rizoma permite configuram-se nos percursos de cada cartografia com a potencialidade da Arte como dimensão poética e pedagógica. A cartografia, nessa perspectiva pós-estruturalista, está em constante transição:

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

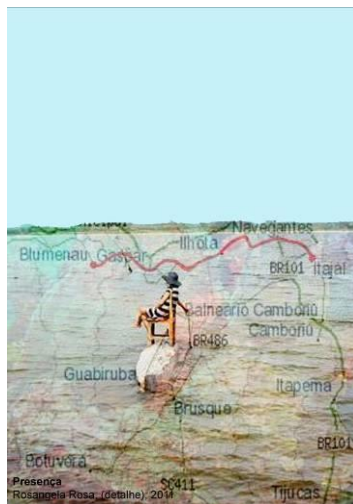
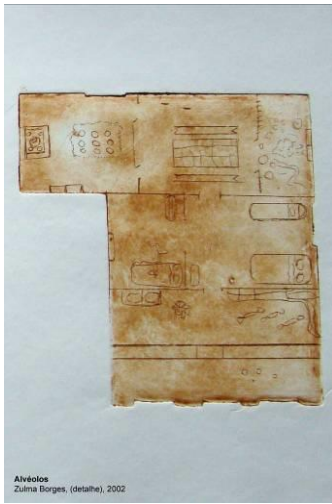
Apresento um breve conjunto de imagens e textos que fazem parte da coleção das cartografias produzidas, trata-se de um recorte da pesquisa, pensado para o *VI Seminário Conexões: Deleuze e Máquinas e Devires e...* As imagens foram produzidas por alguns participantes do projeto Cartografias Afetivas e os textos aqui apresentados são rastros das cartografias, histórias compartilhadas pelos participantes, na tentativa de esclarecer/desabafar/trocar através das palavras suas cartografias, que capturadas pela propositora/narradora, propõe-se criar outros textos ficcionais/reais, sem apontar para o

<sup>3</sup> “Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a *n-1*. Tal sistema poderia ser chamado rizoma. Diferentemente das árvores ou de raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades”. (ZOURABICHVILI, François, 2004, p. 97).

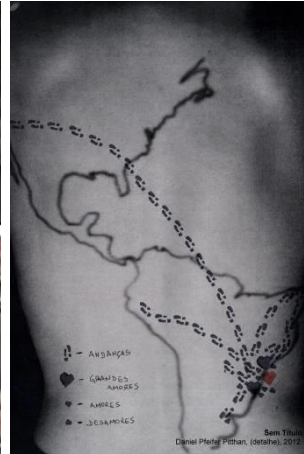
## CARTOGRAFIAS AFETIVAS

personagem de cada texto (diferentemente da imagem que há seus autores), abrindo as cartografias como meio de contágio, do que poderia ser a vida de cada leitor.

As cartografias/textos apresentados falam de variações e transformações, desenhos em constante esboço, como sugere Rolnik, “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 2006, p. 23). Elas partem de um indivíduo, mas que pode se espelhar/aproximar de muitos de nós. As linhas desses desenhos esboços que são as cartografias são como ondas do mar, se contaminam, contagiam e não sabemos onde termina nós mesmos e começa o outro, “situar-se entre fronteiras, explorar zonas de contágio não determinadas, ouvir o balbucio do intervalo, escrever sobre encontros heterogêneos” (GARCIA, 2007, p. 75). O projeto *Cartografias Afetivas* pretende estar no tempo dos acontecimentos e de suas variações intensivas, provocando e propondo ao participante e espectador *zonas de contágio*...



## CARTOGRAFIAS AFETIVAS



As plantas de todas as casas onde moramos, o que de afeto há no ambiente onde residimos? Onde crescemos? Por diferentes ambientes, em diferentes casas, em diferentes lugares, cidades, bairros, até estabelecer-se em uma, planejar, construir a casa, a família, mais um pedaço de nossas vidas.

De quantos afetos tristes somos compostos? Quais as limitações de um corpo? Uma parte interna/externa que transforma? Dor e Liberdade...

Entre fotografias antigas, úmidas, que registram além do tempo, um momento de mudança de uma família, a separação dos pais. O que resta? O que sobra? O que fica? O que se divide? E o vazio que se instala logo será outro percurso.

E, se o caminho que separa a ausência da presença fosse reconstituído, mesmo que furtado, encurtado? Presenças que deixam saudades! Como podemos reconstituir essa presença em nós na ausência do outro?

E o ambiente que desaparece? Uma lagoa quase nada, quase seca, quase morta, que na infância era farta de vida, de histórias e agora é lembrança e é quase e já saudade.

Um amor, separado pelo espaço territorial, um voo que mostra a distância desse amor. "Para um amor em Recife", trajeto de São Paulo a Recife, o que está por trás de um olhar aéreo que o território não dá conta de mostrar?

E as relações de afeto com o que nos parece novo e ganha dentro de nós potência, corpo, admiração? O manto que cobre o corpo, proteção. Desenho no corpo, desenho na alma. Aprendizagem, troca, Yanomamis ser-humano!

Os lugares por onde você passou a infância retornam modificados pelos registros do google street view. Mesmo agora, andar pelas ruas ativa memórias sobre esses lugares e pessoas que existiam naquela época. Alguns lugares mudaram muito, outros nem tanto, mas a sensação maior foi a lembrança, um flâneur virtual, (re)demarcação de um território que, por mais longe que possa estar, está dentro de nós e volta como um turbilhão e nos sensibiliza novamente!

E o corpo, nosso corpo? Quais são os afetos que ele carrega? Nossos amores? Nossas paixões? Nossos desvios? E nossos novos desejos?

**Referências**

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

GARCIA, Wladimir. A lógica do contágio. *Rev. Educação – Deleuze pensa a Educação*, São Paulo, v. 6, p. 74-83, 2007.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2006.

ZOURABICHVILI, François. *Conexões: o vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.